

IGOR FAGUNDES

**MACUM
BANÇA**

Poesia Música Dança

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

\ RIO NAS SETE ENCRUZILHADAS /

Rio: primeira pessoa do verbo “rir”. Contraio diafragma, diásporas, destinos. Pulmões inflados de esbarros, caminhos, encontros. Gargalho para os vivos mais defuntos que um cadáver, até ressuscitarem com a palavra em sopro e som. Gargalho junto aos mortos mais vivos do que os vistos em vertigem. Em rodopio, desafiam e defumam quem não sonha e só se enfada. E rio da sentença declarada de que sondo, em suma, espiritismo, Allan Kardec, qualquer dogma ocultista ou esotérico, ignoto do meu gesto mais rebelde: ser devoto, ao extremo, do poético. Rio de quem pensa a poesia fora do corpóreo, fuga do concreto: é na terra que ela ri do etéreo e se rebela. Dentro do alguidar, preparo e entrego à mata um evangelho, caso amplie o espectro do dito, a rasurar com mel e com marafo seus versículos. Morto-vivo é o livre após, cerrado, o livro. O ronco da noite em seresta na cera do ouvido. Tudo aquilo que, esquivo ao féretro, se solta e caminha, sem carma, sem culpa, sem decreto nem limbo. Toda matéria que o verme devora e devolve ao vórtice de um verso. O bailarino romântico no abismo depois que os pés na ponta, perseguindo o infinito, descobrem sol no solo onde pisam. O mito: nada que minta, nem nada que desminta a duração ordinária de um dia. Mito: tudo o que mira a vastidão do vazio e do vão é vestígio, vírus, vate. Mito: o murmúrio do vulto que invade, evadindo. Grito e grilo descendo à garganta da tarde. Estalo de um riso subindo ao gargalo da garrafa sem rolha.

Gargalho até que espírito e carne, despidos, designem a mesma roupa.

Rio: segunda pessoa já substantivo. O de Janeiro. Estado e cidade que habito, em extravio. Nasço Baía da Guanabara, cresço bairro de Todos os Santos, fronteira quase apagada do Méier com o Engenho de Dentro. Contraindo *nascer e crescer* num só termo que os distenda, invento Baía de Todos os Santos no meu endereço suburbano: subo, menino, a ladeira da Juruviara, rua que ninguém conhece por aqui, por não dar em nada e, sem saída, é entrada: para o desconhecido. Adulto, subo o Pelô até conhecer algum Redentor das Áfricas mortas pelo colonizador. Do Rio Grande do Norte ao Grande do Sul, o pequeno rio que sou se derrama ao leste e no oceano se agiganta. O navio negreiro atraca ainda no porto como Casa Grande ao revés, cheia de um povo que chama a devolver ao morto sua dança.

Rio: terceira pessoa no sertão sem-lugar das Gerais. Ora é Riobaldo, ora é Reinaldo-Deodorina, essa terceira persona ambígua que me abriga Diadorim. No De-Janeiro do umbigo, a nascente de mim é nonada: sagração de um número oito deitado em sete encruzilhadas. Corro perigo na encruza do raso com o profundo. O Chico lamacento, por exemplo, é rio que corta um Brasil do tamanho do mundo.

Rio: quarta pessoa no Rio São Francisco. Sertão-em-toda-parte, saga de cangaço ou de canoa que me entoa à percussão: a mesma de quem desce, balançando, de Alagoas à Lapa carioca, cheia de um *à toa* que transforma a boca ébria de histórias em célebre doutora das biroschas

filosóficas. Quem torna a ginga do papo um bafo mago de tambor entorna nos copos a rua como escola: Zé Pelintra é das esquinas totem.

Rio: quinta pessoa da madrugada malandra. Zé Pelintra samba com Descartes e não descarta quem o cruza, mesmo que intruso na festa: uma dose de corpo no racionalista, e o francês fraco nas pelejas da cerveja, sem eira nem beira, logo pede escusas. Seu Zé acumula, no chapéu panamá e terno de linho, o rio verbo e o substantivo: no Rio, eu rio com ele. Eu rua com ele. A cidade ri de si mesma para afastar olho gordo e espantar os maus tratos no morro por parte dos burgueses da Avenida Vieira Souto.

Rio: sexta pessoa de quem me busca no espelho e barulha com nome Seu Zé, Tranca-Rua, Pombagira. Tenho um riso no avesso vindo dessa mulher. O riso da moça que parece uma qualquer, mas orixá não põe coroa em quem não faz mandinga boa. O sorriso de Padilha a põe rainha da lua e clareia assombros com giros de poesia, dança, música. Transito entre falanges, bandos, bambas, por todas as tribos, sem pertencer a nenhuma: também é riso o rito de chorar por própria conta. Sem mito que mande: mito é a demanda. Meu corpo, único lar-labirinto. O fato fátuo fundador da Umbanda, entre a mesa branca e a voz tupi-nambá, depois ou antes da encruzilhança de Cristo e Oxalá, se dá nas vizinhanças do Rio e nas distâncias do que ri sem definitivo relato nem perímetro.

Rio: sétima pessoa no meu sangue. Divina água doce pulsante. Mãe Oxum, a que trouxe meus livros do leito à veia e fala comigo por meio da guria que chora cachoeiras:

Lagriminha de Ouro, a menina da iabá, por quem escrevo todos os textos, nutridos desse leite-correnteza, fonte rumo à foz, choro rumo ao rir. A lágrima, mesmo adocicada, desce do olho com água salgada em sua tez. Não se pode amar a Mãe sem o mar de Iemanjá. Sequer posso imergir sem me lavar na lama de Nanã. Rio mata a sede na seca. Sacia o cio do sertão. No terreiro, rio no raio e na chuva de Iansã.

\ POETAS DE CABEÇA, SANTOS DE CABECEIRA /

Carlos Drummond de Andrade aparece no terreiro. Dá consulta. A Manoel de Barros faz bem *desexplicar* a poesia na mata tupinambá. Clarice Lispector recebe pombagira: coração selvagem vira água viva. Ouvindo o oráculo de Ifá, babalaô Guimarães Rosa convoca Riobaldo a encruzilhar. Exu se apresenta no redemunho. Morceirão não dá as caras. Muitas vozes de Gullar em alguma parte alguma. Tambores de Minas em Milton. Shakespeare, na gira, grilado: com Logun Edé, Romeu fica entusiasmado.

O cancionero brasileiro faz mandinga. Na “lua branca”, de Chiquinha. No “luar do sertão”, de Catulo da Paixão e Jorge Pernambuco. Com a “Lua e eu”, de Cassiano, num *soul* paraibano e, em Madureira, carioca-suburbano. Ao som do piano, lua é “Luiza” em Jobim. Letras de Vinicius vêm dar Tom. João Gilberto traz violão e um pouco de *treta*. A encruza da bossa na trinca dos bambas.

A ciência acadêmica aprende com as sabenças de Seu Zé Pelintra: catimbozeiro, vira malandro entre os decanos urbanos e, tendo boêmios por banca, ganha livre-docência na rua. Numa roda de samba, faz muvuca: mente é corpo e corpo manda! E Zaratustra, que passou por lá, voltando a Alemanha, diz agora somente acreditar em um deus que tenha bunda.

Da macumbança não saio. Nela nem entro. Está tudo amarrado. Agô, Bechara! Resgato, ó, Flor do Lácio, o tempo “particípio presente”, esquecido na gramática da gente: participa do passado, do gerúndio e de um futuro inquilino que dá passe ao *trans* e ao *entre* do momento. Tentarei ser didático, trazendo alguns exemplos, para que me entendam: no pôr, há o posto, o pondo, o *poente*. Nascer traz nascido, nascendo e *nascente*. No errar, o errado, o errando e o *errante*. Andar tem andado, andando e *andante*. Entre o criado e o criando, criar é *criança*.

No cantar, cantador, cantado, cantando, *cantante*. No falar, falador, falado, falando, *falante*. No dançar, dançador, dançado, dançando, *dançante*. No tocar, tocador, tocado, tocando e *tocante*. No amar, amador, amado, amando e *amante*. Esse “-ante” (“-inte”, “-ente”) detona uma ação durativa, a qual suspende agente e paciente: a voz ativa e a voz passiva. O dançante é um já dançado pelo dançar como voz média para tornar-se e manter-se dançador. Enquanto está dançando, o ato não resta de todo consumado: ausente por latência, potente na iminência, permite o *novamente*, o presente como futuro no passado. “Dançante” transita no transe do verbo: substantivo e adjetivo do tempo, no

tempo, sua hora é um tanto de vão indo e vindo como o *a cada vez* a irromper no vento.

No tanto do abundante, a abundância. No tanto do alternante, a alternância. A observação é tanta, que vira observância. A violação é tanta, que pode ser violência. A aparição é tanta, que vinga em aparência. A *macumbança* me faz macumbeiro, macumbado, macumbando e *macumbante*. Nela, macumba é constância, permanência. E permanece mudança. A fartura da voz macumbante está defronte com as inúmeras possibilidades de encante (poesia, dança, música): transcende a razão religiosa, ciente de que há ciência na rua e na roda, na rima e na prosa. Umbanda, Quimbanda, Catimbó, Pajelança, Capoeira, Congada, Jongo, Candomblé, Encantaria: tudo é mais do que supõe nossa branca filosofia. No terreiro das letras “m” e “b” de “macumba” (que abundam em pamba, bamba, banto, bundo, umbundo, quimbundo, kiumba, kumba...), macumbança é o excessivo de um Brasil morto-vivo entre Macunaíma e as velhas-pretas: Cambinda, Mineira, Conga, Benedita, Catarina...

\ TRÍVIA, TRIVIAL, TREVO, TREVA, TRIDENTE /

O europeu arcaico, antes do ocidente dos duplos, habitava o entre da palavra “encruzilhada” como lugar por onde passa e cruza toda gente. Daí, adveio o adjetivo “trivial”, igual ao “ordinário”. Porém, “trivial” é “tri” (três) + “vial (vias)” e, assim, o extraordinário entroncamento dos

caminhos: a possibilidade de uma via desdobrar-se em três (poesia, música, dança) e, em mão-dupla, a viabilidade que têm as três de se dobrarem numa. No mito romano, Trívia não é só matriz de “trivial”, mas a deusa feiticeira das encruzadas noturnas, misteriosas como os cemitérios, e nos cemitérios, equivalente à deusa grega Hécate. Os romanos criaram a imagem de Trívia como corpo feito de três cabeças. Suponho em três rostos o corpo-macumbança: poesia, música, dança. No banto, aliás, “dançar” e “escrever” dizem o mesmo na palavra “*tanga*”, de maneira que macumbança sugira cantar o escrever como quem dança e, a um só tempo, o encanto de dançar quando se escreve.

Hécate, Trívia, Pombagira (*Pambu-a-njila*: no banto, “encruzilhada”) foram vinculadas, pelo ocidente cristão, à imagem da noite, à morte e à bruxaria como trevas. Porém, como forças que acolhem os mortos no mundo dos vivos e acordam com vida os chegados ao mundo dos mortos, carregam as chaves do mistério; as portas, portais, zonas fronteiriças: saídas e entradas para claridades no breu. Cada um desses mitos femininos rasura a “treva” como contraparte sem luz. Riscam no “entre” o aberto e desforram o inferno no híbrido intervalo suscetível ao divino, ao milagre bendito.

Ademais, “treva” flexiona em gênero “trevo”, palavra que remonta tanto à construção espacial de um cruzamento de ruas quanto à planta com três folhas. Vegetais que nascem a despeito do desejo, ervas daninhas nos terrenos, podem em contrapartida se plantar, se cultivar e se descobrir com mais de três folhas, além de surpreender com mais cores. A existência excêntrica de um “trevo de quatro

folhas” denuncia *sorte*, não o azar da erva daninha, o que inviabiliza o juízo precoce de uma planta causadora só de danos. O trevo pode ser, ao revés, a treva sem morte: a erva dos ganhos, da promessa de um rumo terceiro, que – tão farto – chega ao quarto e festeja o mais forte.

O trevo, a trívia e o trivial, em sendo aberturas de um caminho em três, culminam na imagem do tridente, tardiamente associada ao diabo, mas que exhibe poeticamente a questão-encruzilhada: Pombagira, no banto; Exu, no iorubá – seres intermediadores de deuses e mortais, interfaces dos duos em tríades, dos pares em ímpares, responsáveis por fazer circular o axé (a energia vital) e, destarte, por qualquer expansão, contração e transmutação dos sentidos. Exu e Pombagira atendem, aqui, à conversão e à perversão do erudito em popular (e vice-versa), do oral em literário (e vice-versa), do canto em dança (e vice-versa). E, para além das alternâncias, o simultâneo que escarafuncha e escracha a macumbança.

\ MACUMBA E DESORDEM /

Frequento Umbanda, escrevo sobre ela e tenho fé sem me cegar à crença. Filosofia leciono menos por razão do que paixão e, sob ela, engendro-me: permito-me encantar com o inventivo jogo dos teóricos. Na prática, sempre teorizando, jogando, arredio, mas disciplinado ao pensar com *trivial* vocabulário. Atrai-me a palavra indigente, sem proprietário, corrente na esquina. Atrai-me, por isso, a etimologia como



LIVROS ILUMINAM

Este livro, a inscrever mortos que não morrem, foi composto em Adobe Garamond Pro pela Editora Penalux e impresso em papel pólen soft 80 g/m², em setembro de 2020, ano em que morrer foi muito escrito.
